

O preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses como reflexo de competição de gramáticas do português nos séculos XIX e XX

Third-person Subject Pronoun Realization in Theatrical Plays from Santa Catarina as a Reflection of Competition of Grammars in Portuguese in the 19th and 20th Centuries

Iris Medeiros da Fonseca

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Florianópolis | SC | BR
irismfonseca@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-6015-0461>

Marco Antonio Rocha Martins

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Florianópolis | SC | BR
marcomartins.ufsc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3999-3893>

Resumo: Neste artigo, investigamos e analisamos a realização de sujeitos pronominais de terceira pessoa em peças teatrais pertencentes aos corpora escritos do PHPB-SC, a partir do modelo de competição de gramáticas e inspirados pelo extenso trabalho de Maria Eugênia Lammoglia Duarte. Nossa hipótese é de que as peças teatrais escritas em SC nos séculos XIX e XX irão apresentar competição entre duas gramáticas, uma conservadora, adquirida através da escrita (português europeu) e uma inovadora (português brasileiro). O *corpus* é composto por 6 peças teatrais escritas por autores catarinenses nascidos entre os séculos XIX e XX, são elas: Raimundo (1986), de Álvaro de Carvalho; Quem desdenha quer comprar (1986), Lacerda Coutinho; A estória (1990) e Os lobos (1992), escritas por Ademir Rosa; Flores de inverno (1992) e As quatro estações (1998), ambas de Antônio Cunha. Os resultados sugerem que Álvaro de Carvalho e Lacerda Coutinho, autores nascidos no século XIX, têm uma gramática de sujeitos nulos do português europeu, apesar de já apresentarem dados de realização característicos do português brasileiro, enquanto Antônio Cunha, nascido na segunda metade do século XX, apresenta mais construções com realização do sujeito pronominal de terceira pessoa, em uma gramática característica do PB.

Palavras-chave: português brasileiro; mudança sintática; competição de gramáticas; sujeitos pronominais; peças teatrais.



Abstract: Abstract: In this article, we investigate and analyze the realization of third-person pronominal subjects in plays belonging to the PHPB-SC written corpora, based on the competing grammars model and inspired by the extensive work of Maria Eugênia Lammoglia Duarte. Our hypothesis is that plays written in Santa Catarina in the 19th and 20th centuries will present competition between two grammars, one of them conservative, acquired through writing (European Portuguese), and the other innovative (Brazilian Portuguese). The corpus consists of six plays written by authors from Santa Catarina born between the 19th and 20th centuries, namely: *Raimundo* (1986), by Álvaro de Carvalho; *Quem desdenha quer comprar* (1986), by Lacerda Coutinho; *A estória* (1990) and *Os lobos* (1992), written by Ademir Rosa; *Flores de inverno* (1992) and *As quatro estações* (1998), both by Antônio Cunha. The results suggest that Álvaro de Carvalho and Lacerda Coutinho, authors born in the 19th century, have a null subject grammar from European Portuguese, despite already presenting realization data characteristic of Brazilian Portuguese, while Antônio Cunha, born in the second half of the 20th century, presents more constructions with third-person pronominal subjects, in a grammar characteristic of BP.

Keywords: Brazilian Portuguese; syntactic change; competition of grammars; pronominal subjects; plays.

1 Introdução

Dentre as mudanças estruturais/sintáticas observadas no português brasileiro (PB), a questão do sujeito nulo tem sido amplamente revisitada por diversos linguistas interessados nos estudos da sociolinguística brasileira (Tarallo, 1983; 1993, cf. Pagotto, 2007, Duarte, 1995, 2018 [1993], 2018; 2020; Duarte, Mourão, Santos, 2012; Berlinck *et al.*, 2015; Martins, 2009; Martins; Cavalcante e Coelho, 2020; Corôa, 2022, entre outros). Os resultados que apresentamos neste artigo advêm da pesquisa realizada por Fonseca (2024) sobre a realização do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX, com uma metodologia atualizada¹ que prevê a análise dos dados sem as segundas orações coordenadas. O objetivo principal deste artigo é observar as singularidades da escrita catarinense em

¹ Para a pesquisa de dissertação, foram consideradas as falas inteiras das personagens, o que levou à situações, por vezes da utilização de bifes. No jargão teatral, essas estruturas são falas longas proferidas por uma só personagem, característica do gênero. A utilização dos bifes também se justificou ante a hipótese de que, assim, se poderia obter mais ocorrências de dados. No entanto, ela gerou um aparente enviesamento dos dados. Além de não ter sido selecionado um dos elementos esperados, o traço semântico, como observado no trabalho de Duarte; Mourão e Santos (2012).

oposição a resultados já encontrados para outras regiões do Brasil, especificamente a Sudeste, para a qual há muitos estudos e resultados publicados.

As peças escolhidas para essa pesquisa fazem parte do acervo físico e digital do Projeto Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC), e foram consultadas, primeiro em meio físico através de publicação em livros ou consulta aos manuscritos originais do autor (nesse caso, em específico, as peças de Ademir Rosa) e posteriormente em consultas aos arquivos digitais transcritos em .doc (Word). Todas as 6 peças (apresentadas no Quadro 1) foram escritas por autores catarinenses e estão delimitadas entre as metades finais dos séculos XIX e XX, sendo as duas primeiras correspondentes ao século XIX e as outras quatro ao XX.

Quadro 1 – Peças teatrais observadas, autores e ano de publicação

Peça Teatral	Autor	Ano de Nascimento dos autores
Raimundo (1868)	Álvaro de Carvalho	1829
Quem desdenha quer comprar (1868)	Lacerda Coutinho	1841
A estória (1990) Os lobos (1992)	Ademir Rosa	1950
Flores de Inverno (1992) As Quatro Estações (1998)	Antônio Cunha	1961

Fonte: Elaboração própria.

Para Kroch (1989) a mudança sintática ou linguística se daria através de “uma falha na transmissão de traços linguísticos através do tempo” (Kroch, 2021 [2001], p. 23), supostamente durante o período de aquisição da linguagem. Ou seja, a criança apreende a forma gramatical inovadora (originada na “falha de transmissão”), que irá entrar em competição com a forma antiga, causando casos de diglossias sintáticas, ou competição de gramáticas (cf. Kroch, 2021 [2001]). A mudança linguística está, portanto, vinculada à aquisição geracional da língua. A título de ilustração do modelo, apresentamos no que segue (seção 2) o modelo de competição de gramáticas (Martins, 2009; 2012; 2013; Martins; Coelho; Cavalcante, 2015) proposta teórica que embasa a presente análise. Na seção 3, apresentamos um breve panorama de estudos sobre a evolução do preenchimento do sujeito no PB e nas seções 4 e 5 a metodologia e a análise do fenômeno, respectivamente.

2 O modelo de competição de gramáticas no contexto de três gramáticas do português (PC, PE e PB)

Modelo teórico de competição de gramáticas (Kroch, 1989; 2021 [2001]) propõe uma convergência de propriedades da Teoria Gerativa e da Teoria de Variação e Mudança no estudo de mudança sintática. Para analisar os 362 dados recolhidos das seis peças teatrais catarinenses citadas, partimos da justificativa de que o falante do PB teria uma preferência pelo preenchimento dos sujeitos pronominais a partir da simplificação de conjugação verbal, fato

observado, não somente, por Duarte (1995; 2018; 2018 [1993]; 2019, entre outros), Duarte, Mourão, Santos (2012), Berlinck et al. (2015), Galves (1993; 2020).

Interpretando fenômenos de mudança no PB a luz do modelo de competição de gramáticas, Martins (2009) propõe que a mudança observada na gramática do PB perpassa primeiro por uma aceção de que o PB teria derivado do Português Clássico (doravante, PC). Martins (2009) defende que existem, no contexto de falantes de português brasileiro na primeira metade do século XIX, no cenário da escrita catarinense, competição entre três gramáticas do português. Seriam elas:

- (i) o PC oriundo, de uma escrita conservadora;
- (ii) o PB, nossa gramática inovadora;
- (iii) o PE, de caráter normativo e marcada sociolinguisticamente (cf. Martins, p. 19).

Seguindo os estudos de Anthony Kroch, Martins (2009) defende, aos preceitos da teoria de mudança sintática no modelo de competição de gramática, que “a alteração na fixação de um parâmetro na gramática de uma língua seja, antes de tudo, sempre catastrófica” (Martins, 2009, p. 35). Nesse sentido, ao analisarmos dados de textos históricos por uma perspectiva diacrônica, podemos observar que textos escritos, como as peças teatrais, podem instanciar a competição entre dois tipos de gramática: uma inovadora, vernacular; outra conservadora, aproximada à norma padrão, oriunda de uma escrita conservadora. Numa interpretação deste modelo, Martins; Cavalcante e Coelho (2020) estudaram dois fenômenos históricos do português: i) colocação pronominal e ii) posição do sujeito.

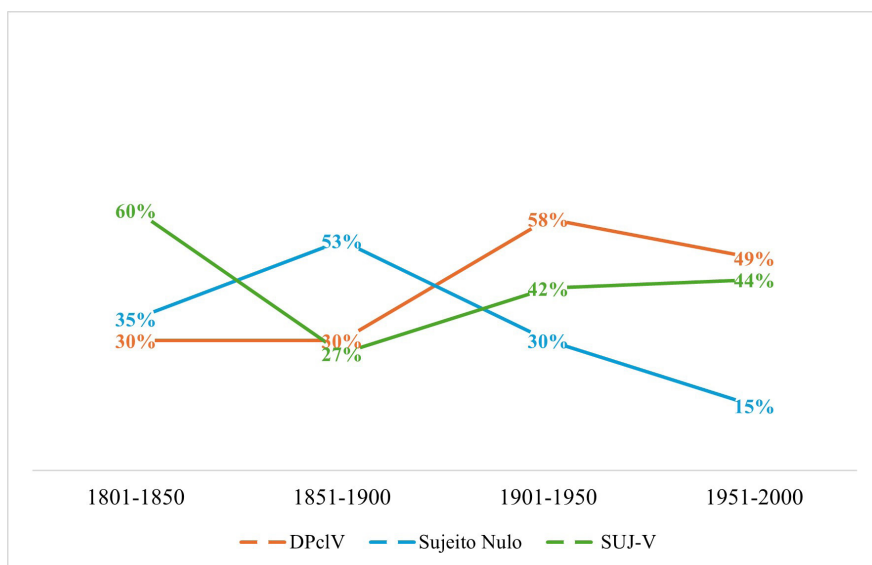
Martins; Cavalcante e Coelho (2020) buscaram defender a hipótese de que o PB pode ser interpretado como um caso de competição de gramáticas a partir de sua origem em relação ao português clássico (PCI), com um aparente início no século XVIII, seguindo Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006). A mudança, para as autoras, parece estar associada à perda de características de uma gramática V2² (PCI)³ (cf. Galves, Namiuti e Paixão de Sousa, 2006) que parece ter persistido na escrita de brasileiros, segundo a pesquisa de Martins; Cavalcante e Coelho até meados do século XIX. Analisados em jornais e cartas, os escritores apresentaram resquícios gramaticais de PCI, com certa expressão na primeira metade do século XIX, enquanto os textos observados correspondentes à segunda metade do século XX apresentam propriedades de uma gramática sujeito-verbo (SV), característica do PB, o que impulsiona para uma hipótese de competição de gramáticas, descrita anteriormente.

Os autores mostram que, a escrita jornalística da primeira metade do século XIX reflete padrões da gramática observada do PC, além de formas de uma escrita conservadora do PB, como ilustra o Gráfico 1 a seguir.

² As línguas V2 são aquelas que obrigatória ou preferencialmente apresentam o verbo na segunda posição em sentenças matrizes e permitem que qualquer sintagma preencha a posição pré-verbal, não sendo essa reservada somente ao sujeito. Caracterizam-se como línguas de sintaxe V2 as línguas germânicas modernas, com exceção do inglês. No caso das línguas românicas medievais, como o português é observada uma “versão flexível da sintaxe V2” (cf. GALVES, 2020, p. 18).

³ Galves (2020) analisou no Corpus Tycho Brahe textos escritos por autores portugueses que desembarcaram no Brasil entre os séculos XVI e XVII, e constatou que a escrita desses autores apresentava uma gramática de sujeito nulo consistente, com verbo em segunda posição (V2) que permite uma liberdade na ordenação de constituintes na oração, proclítica e utilização de posposição do sujeito (ordem VS).

Gráfico 1 – A posição do sujeito e ordem dos clíticos em jornais brasileiros entre os séculos XIX e XX



Fonte: Martins; Cavalcante e Coelho (2020, p. 8)

Ou seja, ao olharmos os fenômenos sintáticos de mudança, aqui analisados – nominalmente: o comportamento proclítico, a ordem sujeito-verbo e sujeito nulo – na escrita da primeira metade do século XIX, os autores constataam, como observado na gramática do PC, o padrão proclítico anteposto ao verbo ([XP]clV). O padrão proclítico, que se observa como advindo da forma inovadora, presente na gramática do PB, com sujeitos lexicais e próclise em ordem SV, tem sua ascensão somente a partir da segunda metade do século XIX e, em maior expressividade, no início do século XX chegando a 58%.

Ainda que dados de um período relativamente curto, como o decorrido entre os séculos XIX e XX, como bem salientou Martins (2009), sejam limitados para investigar competição de gramáticas, os dados aqui replicados e os que serão apresentados em análise adiante neste artigo parecem revelar processos de mudança sintática em um efeito constante, como previsto por Kroch (1989; 2021), Martins (2009; 2013), Martins; Coelho e Cavalcante (2015), Martins; Cavalcante e Coelho (2020) ao comparar a outras pesquisas sobre o sujeito nulo no português brasileiro.

Nossa hipótese, nessa direção, é de que que as peças teatrais, no contexto da presente análise, escritas em SC nos séculos XIX e XX irão apresentar, seguindo essa teoria, dois tipos de gramática em competição: uma vernacular, inovadora: o Português Brasileiro; e uma oriunda da norma padrão, através da escrita, conservadora: o Português Europeu.

As variáveis que definem o fenômeno podem ser observadas nos exemplos em 1 retirados das peças em análise.

- (1) Sujeito preenchido
 H — Quem sabe elei não fez de propósito.
 M — Elei costuma ser pontual.
 (A estória, Ademir Rosa, 1990, grifos dos autores)
- (2) Sujeito nulo
 EUGÊNIA — Silêncio! Ela, também o supõe... mas Ø está enganada. Verdade é que Ø, já principia a desenganar-se...
 (*Quem desdenha quer comprar*, Lacerda Coutinho, 1868, grifos dos autores)

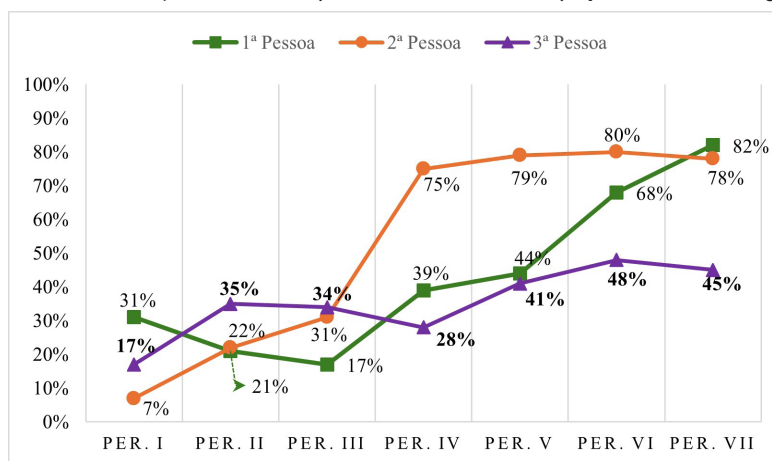
Para a delimitação do envelope de variação, nos baseamos nos resultados obtidos em trabalhos de Duarte (1993; 1995; 2018, entre outros) e Duarte, Mourão e Santos (2012), que atestaram o comportamento peculiar do PB, assim como quanto à realização ou não dos sujeitos nulos referenciais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, dispostos em Padrões Sentenciais, postulados por Cyrino, Duarte, Kato, (2000), revisitados por Duarte, Mourão e Santos (2012), aliados aos traços referenciais, aos autores e à época em que foram escritas as peças teatrais, entre os séculos XIX e XX.

3 O Parâmetro do Sujeito Nulo e os trabalhos de Duarte (1993) e Duarte; Mourão e Santos (2012): uma breve revisão

O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) foi teorizado e elaborado, de acordo com Duarte (2018), a partir de uma necessidade de explicar as línguas naturais dentro da Gramática Universal, “a partir (...) das possíveis variâncias interlinguísticas permitidas por todos os parâmetros associados a esses princípios rígidos, invariáveis.” (Duarte, 2018, p. 29). Ou seja, tinha como intuito estabelecer parâmetros que permitissem agrupar as línguas naturais conforme suas características a partir do sujeito nulo.

Voltando-se ao PB, Duarte (2018 [1993]) partiu da hipótese de que a queda no sujeito nulo se deu pelo enfraquecimento da Concordância⁴ aliado às mudanças no paradigma verbal,⁵ considerados dois pontos basilares na observação do licenciamento do sujeito nulo. A autora encontrou, em suas pesquisas, em termos totais para as três formas pronominais, uma curva que sugere a queda do sujeito nulo em níveis gerais às três pessoas do discurso. Os resultados na frequência de uso gerais podem ser observados no Gráfico 2, reproduzido de Duarte.

Gráfico 2 – A trajetória das três pessoas do discurso em peças teatrais ao longo do tempo



Fonte: Duarte, Mourão, Santos (2012, p. 22).

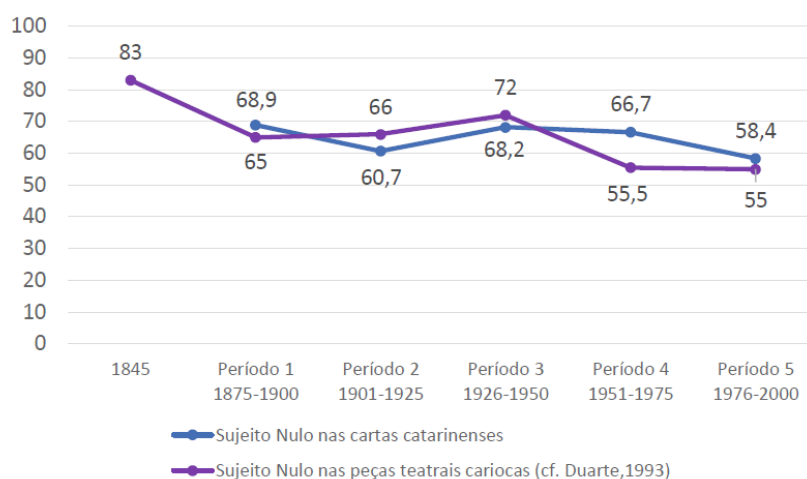
⁴ O elemento de concordância (AGR) licencia e recupera o sujeito nulo (cf. Duarte, 2018 [1993]) em línguas com sistema flexional rico. Encontram-se aqui as línguas românicas, incluindo o Português Europeu e o PB; em contrapartida, estabeleceu-se o inglês como padrão para língua que não permite sujeitos nulos.

⁵ A uniformidade morfológica dos paradigmas verbais passou a ser observada junto ao elemento de concordância, após os estudos do chinês (Huang, 1984, cf. Duarte, 2018). Para Roberts (1993, cf. Duarte, 2018) um paradigma formalmente rico, como o do italiano, não seria o único a licenciar sujeitos nulos, um paradigma com desinência zero e um sincretismo também permitiriam o licenciamento e identificação de um sujeito nulo.

Estas mudanças são, de acordo com Duarte (2018 [1993]), oriundas da redução do nosso quadro pronominal e a gramaticalização de duas formas novas, são elas: (i) a mudança nas formas de tratamento com a substituição de ‘vossa mercê’ para a forma ‘você’, que entra em variação com outra forma, ‘tu’, acarretando apócope da desinência <-s>; (ii) a pronominalização da forma ‘a gente’, concorrendo com a forma ‘nós’. Observa-se, assim, o comportamento diverso do PB em comparação às outras línguas românicas de sujeito nulo, apresentando mudança do licenciamento e identificação do sujeito nulo de referência definida.

Adicionalmente, Vieira Pinto (2020) apresentou, em sua tese de doutoramento, uma análise na “*Trajatória de mudança do sujeito e objeto anafóricos em cartas pessoais brasileiras e portuguesas dos séculos XIX e XX*”, atestando, em cartas de ilustres e não-ilustres catarinenses. Em uma comparação dos dados de terceira pessoa encontrados em sua pesquisa nas missivas catarinenses com os dados em peças teatrais de Duarte (1993 apud. Duarte, Mourão, Santos, 2012), a autora encontrou resultados como os apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Sujeito nulo de terceira pessoa em cartas catarinenses e peças cariocas entre os séculos XIX e XX (percentuais)



Fonte: Vieira Pinto (2020, p. 325)

Os resultados encontrados por Vieira Pinto (2020) em sua pesquisa, parecem indicar similaridades nas curvas de uso do sujeito nulo nas cartas catarinenses e peças cariocas nos séculos XIX e XX, de modo geral. No entanto, podemos perceber uma leve resistência na escrita de cartas catarinenses, com o aumento do preenchimento do sujeito, na primeira metade do século XX (66,7% de sujeitos nulos em cartas catarinenses e 55,5% em peças cariocas).⁶

⁶ Ainda sobre a pesquisa de Vieira Pinto (2020) com missivistas catarinenses dos séculos XIX e XX, vale a menção aos dados de sujeito nulo contabilizados a partir de sua data de nascimento. Nessa rodada (cf. Vieira Pinto, 2020, p. 299-302), a pesquisadora encontrou dados que corroboram a hipótese de escrita conservadora, com dados esperados, principalmente, na segunda metade do século XIX, onde o sujeito nulo perseverou retratando, segundo a autora, “a norma linguística lusitana que vigorava fortemente no Brasil (Vieira Pinto, 2020, p. 302)”. No entanto, ressalta-se os resultados encontrados em Maria de Senna (1904), Jayme Bertaso (1912) e Remetente MR (1960), missivistas que indicam uma preferência para o preenchimento de sujeito, com 41%, 55% e 51% respectivamente, resultados bastante inovadores para o início do século XX.

Ao alinharmos os estudos de Vieira Pinto (2020) aos de Martins; Cavalcante e Coelho (2020),⁷ podemos, então, considerar estes como resultados que corroboram a hipótese de uma implementação mais lenta ao preenchimento do sujeito na escrita da região Sul, sugerindo uma escrita mais conservadora por parte dos catarinenses.

Duarte, Mourão e Santos (2012) retornaram aos estudos publicados em 1993, com o objetivo de observar mais detalhadamente o fenômeno na terceira pessoa, que comprovadamente apresenta um comportamento diferente das outras duas pessoas do discurso. Os resultados das autoras para o preenchimento do sujeito neste estudo com enfoque na 3ª pessoa evidenciam o aumento do preenchimento no decorrer do século XIX e XX e guiados por dois critérios principais: os padrões sentenciais e os traços referenciais.

Os padrões sentenciais são quatro condições estruturais (cf. Barbosa, Duarte, Kato, 2005) estabelecidas para determinar a acessibilidade do antecedente do sujeito em sentenças subordinadas. Na presente pesquisa, os padrões, revisitados por Duarte; Mourão e Santos (2012) não foram selecionados como variável independente, mas reconhecendo sua importância para identificação do comportamento do sujeito nulo no PB, acreditamos ser relevante apresentá-los, com exemplos do corpus de peças teatrais do PHPB-SC.

- (i) Padrão 1 o antecedente está no mesmo período e *é sujeito da oração principal ou subordinada* (grifos dos autores);
JOÃO ANDRÉ — O nosso capitão está incomodado; fiquem de vigia aqui, e se ele alevantar-se dêem-me parte.
(Raimundo, Álvaro de Carvalho, 1868)
- (ii) Padrão 2: o antecedente está no período seguinte, possuindo *função de sujeito da oração ou de tópico do discurso* (grifos dos autores);
H — Quem sabe ele não fez de propósito.
M — Ele costuma ser pontual.
(A estória, Ademir Rosa, 1990)
- (iii) Padrão 3: o antecedente do sujeito está em uma *oração não adjacente* (grifos nossos), este padrão se caracteriza por possuir orações intervenientes (grifos dos autores);
EUGÊNIA — Pobre rapaz! E não te envergonhas de pagar-lhe tantos desvelos com tamanha ingratidão?..
MATILDE — Mas se eu não lhe tenho amor! Olha, se ele não teimasse em querer casar comigo... estou convencida de que havia de ser muito sua amiga...
(Quem desdenha quer comprar, Lacerda Coutinho, 1868)
- (iv) Padrão 4: o antecedente está em *oração principal ou subordinada e não possui função de sujeito* (grifos dos autores).
MARIA — Quereis um conselho? Entrega esta carta a teu tio, e que ele a devolva ao Sr. João André.
(Raimundo, Álvaro de Carvalho, 1868).

⁷ Adicionalmente, podemos também citar os trabalhos de Coelho e Nunes de Souza (2015); Martins; Cavalcante e Coelho (2020) que constataam a tendência de formas inovadoras de mudança no PB se implementarem de forma lenta nas regiões Sul e Sudeste, em comparação aos mesmos fenômenos observados no Nordeste, imprimindo, deste modo, uma constituição gramatical mais conservadora aos escritores catarinenses.

Levando em consideração as generalizações de Barbosa, Duarte e Kato (2005), voltamos aos resultados de Duarte, Mourão, Santos (2012) para um diagnóstico do condicionamento dos padrões sintáticos e dos traços semântico-referenciais do preenchimento do sujeito na diacronia do PB.⁸

Os traços semânticos analisados pelos autores são tomados a partir da Hierarquia referencial, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). Aqui, podemos observar a interação dos traços [+/- humano] e [+/- específico] nos processos de mudança em direção a pronomes expressos, na implementação dos sujeitos pronominais e em direção aos vazios, como, por exemplo, a implementação do objeto nulo (cf. Duarte; Mourão e Santos, 2012). Os resultados encontrados para aquela pesquisa estão dispostos na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Sujeitos plenos e o traço semântico

Traço Semântico	Totais (percentual)	Peso Relativo (P.R)
[+hum/+esp]	385/890 = 43%	.61
[+hum/-esp]	13/57 = 23%	.36
[-hum/+esp]	18/152 = 12%	.16
[-hum/-esp]	2/48 = 4%	.07

Fonte: Duarte, Mourão e Santos, 2012. Input = .31 Log likelihood = -556.245 Significance = .002 (Adaptado).

A partir dos resultados expostos, as autoras concluem que, observados os pesos relativos, o traço [+hum] favorece o preenchimento do sujeito, de modo geral, e, quando combinado com o traço [+esp] eleva-se ao maior dos resultados encontrados, com peso relativo de .61. Paralelamente, os traços [-hum], aparenta desfavorecer a realização do sujeito pleno, com pesos relativos de .16 na combinação com o traço [+esp] e .07 ao ser combinado com o traço [-esp].

A seguir, apresentamos a metodologia empregada na análise do presente artigo.

⁸ As autoras apresentaram os seguintes resultados, analisando os padrões sentenciais ao longo do tempo, utilizando a mesma faixa temporal de estudos em Duarte (2018 [1993]): sete momentos divididos entre os séculos XIX e XX. Na versão de Duarte, Mourão, Santos (2012), os autores optaram por reunir os padrões 3 e 4, por apresentarem pesos e valores gerais aproximados. Os resultados ficaram assim:

- ◆ Padrão 1 – Período I: 0; Período II: 8%; Período III: 14%; Período IV: 0; Período V: 6%; Período VI: 21%; Período VII: 25%;
- ◆ Padrão 2 – Período I: 6%; Período II: 19%; Período III: 17%; Período IV: 16%; Período V: 22%; Período VI: 35%; Período VII: 49%;
- ◆ Padrões 3 e 4 – Período I: 43%; Período II: 50%; Período III: 56%; Período IV: 43%; Período V: 67%; Período VI: 75%; Período VII: 80%.

4 Metodologia empregada nesta pesquisa

Como já anunciado, para a presente análise foram selecionadas 6 peças teatrais, caracterizadas como *comédia de costumes*, todas pertencentes ao acervo do PHPB-SC. As peças foram escritas entre os séculos XIX e XX por homens catarinenses, quase todos nascidos na capital, Florianópolis, antes denominada Nossa Senhora do Desterro. A primeira leitura integral se deu em suporte físico original no qual a peça se encontrava⁹. As peças do século XIX, *Raimundo* (1868) e *Quem desdenha quer comprar* (1868), não foram analisadas em suas versões originais, são edições literárias que tiveram os textos tratados e gramáticas atualizadas. É importante salientar que as possíveis alterações¹⁰ das versões originais para as peças do século XIX e século XX não foram consideradas. Após leitura integral em suporte físico original, as 6 peças foram transcritas integralmente, com o intuito duplo de consultá-las em suporte digital, através de laptop, no Word, e, poderemos, posteriormente, disponibilizá-las on-line, para demais pesquisadores, junto aos corpora do PHPB-SC.

Após a recolha e categorização dos 363 dados, procedemos às rodadas no programa estatístico *GoldVarb*. Para a análise de aplicação dos valores da variável dependente foram feitos dois tipos de rodadas no programa estatístico, primeiro de frequência de uso, e então uma rodada de análise binomial, para observar combinações da variável dependente aos demais grupos de fatores.

Para a presente análise optamos por excluir as sentenças de 2^{as} coordenadas, procurando, desta maneira, balizarmos os dados de acordo com as pesquisas anteriores de Duarte (1993; 2018; 2019) e Duarte, Mourão e Souza (2012) (ver nota de rodapé 1).

Para caracterizar as personagens, optamos por observar um elemento característico do texto dramático, as rubricas. Por apresentar outra configuração, que não a de diálogo, mas conter informações relevantes sobre a peça, observamos as rubricas utilizadas especificamente em cabeçalhos. As rubricas-de-cabeçalho (assim denominadas no presente artigo para evitar confusão)¹¹ (Figura 2) são elementos em que, por vezes, se descreve o cenário ou fornecem maiores informações sobre as personagens.

⁹ Para duas peças foi possível uma primeira consulta em manuscrito original do autor, foi o caso de *A estória e Os lobos*, de Ademir Rosa, peças representantes do século XX. Os suportes físicos originais podiam, então, ser manuscritos ou edições literárias físicas em que as peças estivessem antes de serem transcritas ao Word.

¹⁰ Apesar de não considerar as possíveis alterações das versões originais para as peças do século XIX, chamou a atenção como se descreve o feito na edição física onde se encontra *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868). À publicação da segunda edição foram considerados alguns aspectos:

1 – Foram feitas mudanças ortográficas, tipográficas e, sempre que necessário, também as sintáticas, em especial a pontuação, mas só em casos óbvios; não houve troca de vocábulos; observamos apenas as indicações de erratas na última página de *Quem desdenha quer comprar*. (...)

3 – Na fala das personagens, respeitou-se rigorosamente a linguagem de cada um. (*Quem desdenha quer comprar*, p. 8, 2. ed. 2001)

¹¹ Nas peças teatrais há generalização do termo rubrica para designar tanto descrições em cabeçalhos antes de iniciar uma cena, como na descrição de ações e/ou emoções demonstradas pelas personagens. Neste artigo, optamos por dividir o significado para sinalizar o uso exclusivo das rubricas presentes nos cabeçalhos que garantem, por vezes, informações como idade da personagem – critério que auxiliou na resolução de *knockout* do presente trabalho. É de nosso interesse continuar, em pesquisas futuras, aprofundando a utilização de elementos paratextuais, além das falas das personagens, às análises das peças teatrais, como a lista de personagens, por exemplo, e demais elementos que auxiliem na criação de perfil das personagens para incrementação das análises.

Figura 2 – Rubrica-de-cabeçalho de uma peça teatral com informações de personagem

Rubrica-de-cabeçalho de <i>A estória</i> (Ademir Rosa, 1990)
A cena se passa numa praça de uma média cidade. Está sentado um homem de meia idade, lendo um jornal e se distraíndo, observando crianças jogarem futebol. Entra uma mulher mais nova. Pára e fica olhando, como quem procura algo, ou esperando alguém.

Fonte: Elaboração própria sob texto de Ademir Rosa (1990).

Para a presente pesquisa, o cabeçalho se mostrou útil à análise ao dar mais pistas sobre as personagens, que não foram descritas no perfil de personagem ou no interior da peça. Dessa forma, conseguimos aplicar, de forma coesa, um critério para eliminar essas situações. Uma vez que ocorrências de *knockout* precisam ser desfeitas de alguma forma, a utilização das rubricas-de-cabeçalho mostrou-se exitosa através das informações que forneciam esses elementos textuais, possibilitando, por exemplo, a separação das personagens por idade. A estratificação foi feita a partir de três faixas de idade estipuladas pelos pesquisadores da seguinte maneira: faixa 1: até 25 anos, faixa 2: 26 a 49 anos, faixa 3: 50 anos em diante.

Nesta pesquisa, o preenchimento do sujeito de terceira pessoa foi escolhido como variável dependente e aqui estão caracterizadas desse modo: a forma preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa no singular ou plural [ele/ela; eles/elas] e sua contraparte nula, marcada canonicamente com o símbolo de vazio [Ø].¹²

Estas foram as variáveis independentes selecionadas e testadas durante a pesquisa: (1) a realização do sujeito preenchido vs. sujeito nulo, (2) os padrões sentenciais, (3) os traços semântico-referenciais e (4) o traço singular/plural das formas de terceira pessoa, e (5) os autores por data de nascimento. Na seção seguinte, de Análise, apresentamos os dados e retomamos brevemente cada uma das variáveis independentes selecionadas.

5 Análise

Dos 4 grupos de variáveis independentes, 3 foram selecionadas pelo programa do pacote estatístico *GoldVarb*. Os grupos de variáveis selecionados pelo programa foram: os autores, os traços-semânticos e as personagens das peças resultados apresentados nas duas rodadas (frequência de uso e binomial). As variáveis padrões sentenciais¹³ e o traço singular/plural das formas de terceira pessoa, não foram selecionadas, mas apresentaram relevância em frequência de uso.¹⁴

¹² O símbolo de vazio [Ø] é utilizado para a variante de marcações vazias, nulas ou não-realizadas, em que suas contrapartes são realizadas, como por exemplo, o sujeito nulo/sujeito preenchido.

¹³ Diferentemente dos resultados apresentados no trabalho anterior de Duarte, Mourão e Santos (2012), os padrões sentenciais não foram selecionados no quadro de variáveis independentes para esta presente pesquisa. No entanto, entendendo a relevância para a análise de preenchimento de sujeito, estão apresentados, na sequência, os resultados encontrados, já unidos os Padrões 3 e 4. Com um total de 71/291 dados de preenchimento de sujeito, apresentando 19.6%, os padrões ficaram distribuídos da seguinte maneira:

i. Padrão I: 11/42 = 26%

ii. Padrão II: 11/52 = 21%

iii. Padrões 3 e 4, favorecendo o preenchimento do sujeito = 49/219 = 36%.

¹⁴ Os traços semânticos dos feixes [+hum/+esp] e [-hum/+esp] foram os mais recorrentes, com 20% e 15% de frequência. Para a concordância nominal, os resultados apontaram para 19% de frequência para o sujeito preen-

Durante a análise com rodadas de frequência de uso em nossa pesquisa, foi possível observar que os dados apresentaram, em todas as peças, uma grande incidência de sujeito nulo, com os números de percentuais desfavorecendo o preenchimento do sujeito.

Tabela 2 – O comportamento do preenchimento do sujeito na escrita de autores catarinenses dos séculos XIX e XX – dados totais (porcentagem)

Preenchimento do sujeito na escrita de autores catarinenses (s. XIX e XX) (%)	
Sujeito preenchido	Sujeito nulo
71 ocorrências = 20%	291 ocorrências = 80%

Fonte: elaboração própria.

A análise dos 362 dados recolhidos em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX para os sujeitos pronominais de terceira pessoa apresentou como resultados para frequência de uso e percentual: 71 ocorrências para o preenchimento do sujeito (20%) e 291 para o sujeito nulo (80%).

Enquanto *Raimundo* (1868), a peça com mais dados gerais, apresenta o menor número para o preenchimento do sujeito com 13% (algo esperado por sua época bem como demais autores geracionais nascidos na primeira metade do século XIX). Neste sentido, podemos, então, conjecturar que o alto percentual encontrado em Antônio Cunha, um autor nascido na segunda metade do século XX se dá por conta da mudança já implementada na escrita brasileira do século XX, apresentando, em sua escrita, dados que corroboram a gramática do PB, como demonstrado em (3) e com maiores detalhes na subseção “Os autores”.

- (3) KLAUS — Eu não sou alemão, não! Só o meu nome. **A minha mãe** gostava muito de nomes estrangeiros. *Meu irmão é William. Acho que é inglês!* **Ela** queria que nós fossemos alguma coisa, mas **ela** morreu e eu não sou muita coisa, não, aliás, eu sou quase nada.
(Flores de Inverno, Antônio Cunha, 1992 – Século XX, grifos dos autores)

Os resultados encontrados na análise de frequência de uso para os totais de realização do sujeito pronominal de terceira pessoa *versus* sua contraparte nula vão de encontro com os resultados apresentados por Vieira Pinto (2020) para a realização do sujeito anafórico em cartas catarinenses em cinco períodos compreendendo os séculos XIX e XX (66,7% de sujeitos nulos em cartas catarinenses e 55,5% em peças cariocas), sugerindo que na escrita catarinense encontramos registros baixos para o preenchimento do sujeito em comparação ao sujeito nulo.

5.1 Os autores

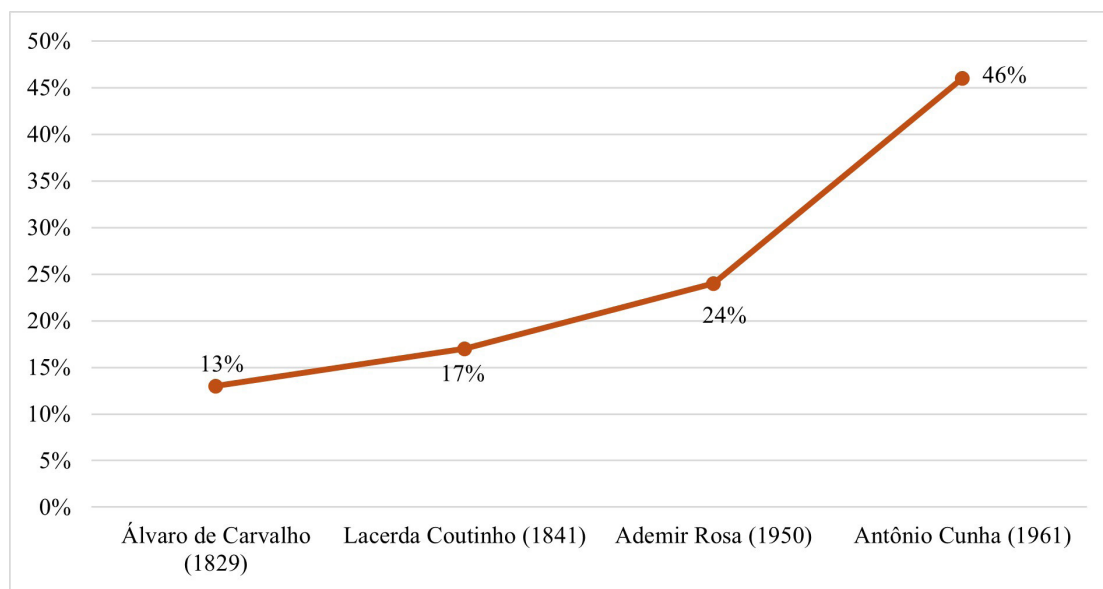
A variável ‘Autor’ foi observada em nossa análise de maneira cronológica, a partir da data de nascimento dos quatro autores das peças selecionadas. Desse modo, partindo da hipótese de competição de gramáticas na formação do PB, consideramos que Álvaro de Carvalho e

chido em 3ª pessoa do singular e 12% para sujeito nulo na 3ª pessoa do plural.

Lacerda Coutinho, por terem nascido na primeira metade do século XIX, em 1829 e 1841, respectivamente, teriam gramáticas diferentes dos autores nascidos no século XX, Ademir Rosa e Antônio Cunha, nascidos em 1950 e 1961.

Os dados para o preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais dos séculos XIX e XX escritas por autores catarinenses, estão ilustrados no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Preenchimento de sujeito no curso do tempo na escrita de autores catarinenses por ano de nascimento (frequência de uso)



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados são relevantes na direção em que evidenciam, progressivamente, o aumento no preenchimento dos sujeitos pronominais de terceira pessoa ainda na primeira parte do século XIX (exemplos 4 a 8), com Lacerda Coutinho, nascido em 1841, marcando 17% de ocorrências em comparação ao Álvaro de Carvalho, seu contemporâneo, de 1829. Já para os autores nascidos na segunda metade do século XX (exemplos 9 a 11), podemos observar uma alternância sugestiva indicando uma curva maior entre eles, tendendo a um favorecimento ao preenchimento de sujeitos por Antônio Cunha, com 46% dos dados.

- (4) MARIA – Raimundo!... Oh! meu Deus!... Dirige-se para aqui!... Será possível tanta loucura? Ninguém... Mas, onde estará **meu pai**? se **ele** o encontrasse...
(*Raimundo*, Álvaro de Carvalho, 1829 – Século XIX, grifos dos autores)
- (5) MARIA – Estamos no quarto de **minha mãe**... Retire-se... respeite-me para que **ela** não o amaldiçoe.
(*Raimundo*, Álvaro de Carvalho, 1829 – Século XIX, grifos dos autores)
- (6) BÁRBARA – Minha filha, quem não tem, pede: quando era rica não davas esmola aos **pobres**?... e alguma vez lhe passou pela idéia que **eles** ficavam menos por lhe estenderem a mão?
(*Raimundo*, Álvaro de Carvalho, 1829 – Século XIX, grifos dos autores)

- (7) MATILDE – Eu, minha boa prima? Eu estou pouco mais ou menos na mesma ignorância... Convivi com ele por três meses, é verdade... Mas há tanto tempo que isso foi! Além de que era então uma criança, e ele outra... O que posso dizer-te é que ele mostrava ter-me muita amizade. Ø Fazia tudo quanto podia para agradar-me.
(*Quem desdenha quer comprar*, Lacerda Coutinho, 1841 – Século XIX, grifos dos autores)
- (8) EUGÊNIA – Pelo menos, assim o espero. Vamos... Nada de desanimar... onde está a tia Joana?
MATILDE – Ali... Falemos baixo... cumpre que Ø não nos ouça... Ela é também contra mim... Todos são contra mim!...
(*Quem desdenha quer comprar*, Lacerda Coutinho, 1841 – Século XIX, grifos dos autores)
- (9) H – MEU PAI SE SEPAROU DA MINHA MÃE QUANDO ELE ERA FUNCIONÁRIO PÚBLICO E DEPOIS DE VINTE ANOS DE CASADOS. COITADO. Ø ERA SEMI ANALFABETO.
(*A estória*, Ademir Rosa, 1950 – Século XX, grifos dos autores)
- (10) EUGÊNIO – As pessoas daqui costumam acordar cedo?
KLAUS – Não sei bem. Quando elas acordam (sic) eu normalmente já estou dormindo
(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1961 – Século XX, grifos dos autores)
- (11) KLAUS – Valentina sabia de sua chegada?
EUGÊNIO – Eu não sei se ela me espera ainda.
KLAUS – Vem comigo, ela poderia estar esperando outra pessoa?
(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1961 – Século XX, grifos dos autores)

Podemos observar, nesta direção, que os dados de frequência de uso e peso relativo (Tabela 3) parecem sugerir Antônio Cunha (1961), autor mais jovem dentre os pesquisados, como o expositor de uma gramática inovadora, que favorece o uso do preenchimento dos sujeitos pronominais de terceira pessoa (.75 PR) em relação aos autores do século XIX. Ao passo que os dados observados para a escrita de Ademir Rosa (24% de ocorrências para a variável inovadora), seu contemporâneo, parecem sugerir que o autor optava pelo uso de uma gramática normativa.

Tabela 3 – Preenchimento do sujeito por autores catarinenses dos séculos XIX e XX – ano de nascimento (PR)

Autor (ano de nascimento)	Totais (Sujeitos preenchidos)	Peso Relativo (PR)
Álvaro de Carvalho (1829)	24/183 = 13%	.41
Lacerda Coutinho (1841)	10/60 = 17%	.34
Ademir Rosa (1950)	19/80 = 24%	.67
Antônio Cunha (1961)	18/39 = 46%	.75

Fonte: Elaboração própria. *Log likelihood* = -159.859 *Significance* = 0.452

Os dados analisados poderiam também indicar que Álvaro de Carvalho (1829) seja ainda um representante de uma gramática de sujeitos nulos (.41). Transformando os autores do século XIX em um ponto de observação por apresentarem números relativamente menores em peso relativo, como foi igualmente o caso de Lacerda Coutinho (1841) (.34). Sugerindo novas pesquisas para observação tanto de implementação (ou delimitação mais aproximada) de uma gramática do PB no século XIX e definitiva, provavelmente, na segunda metade do XX.

5.2 Os traços semânticos-referenciais

Como mencionamos anteriormente, os traços semânticos-referenciais foram considerados, na presente análise, como variável independente, sendo selecionada pelo programa *GoldVarb*. Dentre as possibilidades dispostas, a combinação [+hum/+esp] (exemplo 12 e 13), como esperado, foi a mais frequente nos resultados totais. Como verificado em estudos já realizados (como Duarte, Mourão e Santos, 2012, por exemplo), o traço semântico aparece como um facilitador para a realização do preenchimento do sujeito.

Seguindo as análises de Cyrino, Duarte e Kato (2000) e Duarte, Mourão, Santos (2012), os resultados obtidos para o feixe de traço [-humano] (exemplo 14) nas peças catarinenses foram baixos, com baixa ocorrência.

- (12) [+hum/+esp]
EUGÊNIO — **As pessoas** daqui costumam acordar cedo?
KLAUS — Não sei bem. Quando **elas** acordam eu normalmente já estou dormindo. (*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992 – Século XX, grifos dos autores)
- (13) [+hum/-esp] Sujeito nulo
2 – A denúncia por si só não me assusta... ademais **essa gente** anda tão apática, insolente mesmo. Mais da metade, se \emptyset nos descobrirem aqui, \emptyset devem apenas nos ignorar.
(*Os lobos*, Ademir Rosa, 1992 – Século XX, grifos dos autores)
- (14) [-hum/+esp] Sujeito nulo
M — Não posso, meus **ratinhos** [rasurado] [já deviam ter] comido às três horas... como já passam das cinco... \emptyset devem estar com muita fome. Vou sair para procurá-los.
(*A estória*, Ademir Rosa, 1990 – Século XX, grifos dos autores)

No entanto, mesmo sendo selecionados pelo programa, os traços semânticos-referenciais apresentaram dados¹⁵ relativamente baixos para cada uma das combinações, estando distribuídos como na Tabela 4.

¹⁵ A distribuição dos dados totais para a variável traços semânticos-referenciais, dentre os 362 dados, apresentou os seguintes resultados: [+hum/+esp] 64/287; [+hum/-esp] 2/35; [-hum/+esp] 4/32 e [-hum/-esp] 1/8.

Tabela 4 – Traços semântico-referenciais – Sujeito preenchido

Traço Semântico-referencial	Percentual (%)	Peso Relativo (PR)
[+hum/+esp]	22%	.56
[+hum/-esp]	5%	.21
[-hum/+esp]	12%	.30
[-hum/-esp]	12%	.39

Fonte: Elaboração própria. *Log likelihood* = -159.859 *Significance* = 0.452

Observando as ocorrências gerais para o traço semântico, tanto em percentual quanto em Peso Relativo, podemos observar que a combinação [+hum/+esp], como esperado, é a mais frequente. Ao passo que a combinação [+hum/-esp] apresenta resultados bastante inferiores (com 5% de ocorrências). Seguindo a metodologia de Duarte, Mourão, Santos (2012), podemos observar que a combinação [+hum/+esp] mostra-se como a que favorece o preenchimento do sujeito, com .56 de PR. Interessa-nos perceber que não podemos, nesta pesquisa, referenciar o traço [+hum] de forma genérica, pois encontramos, na combinação com o traço [-esp], o menor número de ocorrências, com .21 de PR, de forma discrepante ao encontrado por Duarte; Mourão e Santos (2012) (ver Tabela 1), suscitando novas pesquisas. No entanto, os resultados para as combinações com traço [-hum] parecem apresentar, em nossa análise, dados aproximados ao esperado, com as combinações [-hum/-esp] apresentando uma maior elevação de peso relativo, com o .39.

5.3 As personagens

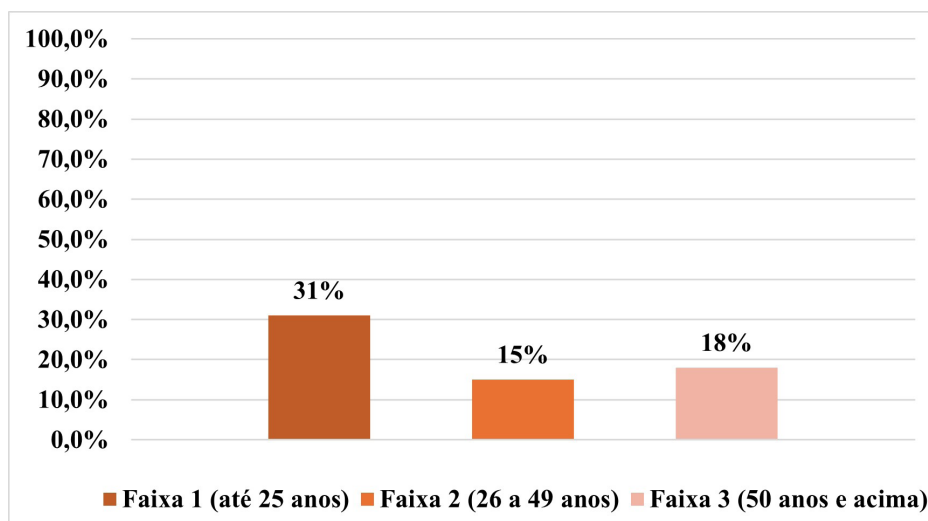
A decisão de analisar as personagens das peças aparentou ser profícua no sentido de apontar um bom aproveitamento nas análises, sendo selecionada pelo programa estatístico.

Ao analisar as personagens, resolvidos os casos de *knockout*, e com a divisão dos personagens em grupos por faixa-etária (faixa 1: até 25 anos, faixa 2: 26 a 49 anos, faixa 3: 50 anos em diante), observamos a curva da realização do sujeito pronominal (Gráfico 4). A personagem que possui o maior número de falas totais, João André (77/362 = 21%)¹⁶ (15), de *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868), é, no entanto, expressiva em sujeitos nulos – justificada por se tratar de uma personagem de origem portuguesa.

- (15) Sujeito nulo
 JOÃO ANDRÉ — **A filha... Vá!... Ø** é boa laia de rapariga... e **Ø** tem bom coração;
Ø não esquece o bem, mas o cação do pai... **Ø** é um biltre!
 (*Raimundo, Álvaro de Carvalho, 1868 – Século XIX, grifos dos autores*)

¹⁶ Este é o resultado atribuído ao total dos dados sem distinguir sujeitos nulos e preenchidos; em detalhes, João André apresentou 73/77 (94,8%) para sujeito nulo e 4/77 (5,2%) para o preenchimento do sujeito.

Gráfico 4 – Frequência de uso de preenchimento de sujeito por personagens em três faixas de idade



Fonte: Elaboração própria.

Para a análise binomial, com as personagens divididas em suas respectivas faixas, podemos observar que a Faixa 1, que corresponde às personagens com idade até 25 anos (aos quais se incluem Eugênia e Klaus), apresenta uma frequência de uso de 31% em comparação à Faixa 2, dos adultos entre 26 e 49 anos, que apresentou a menor taxa observada nesta variável, de 15%. O alto resultado encontrado na Faixa 1 (16) parece indicar ser essa a faixa que favorece o preenchimento do sujeito. Entretanto, as personagens não foram analisadas à perspectiva de sua época no curso do tempo, como foi feito com os autores, mas, para esta pesquisa, os resultados se mostram satisfatórios no sentido de indicar a preferência ao preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa entre os mais jovens (9; 10).

- (16) EUGÊNIO — E o seu irmão inglês, quando Ø vem visitá-lo?
KLAUS — Ele não é inglês. É só o nome. Eu não sei, ele está na África, eu acho. Quando ele volta normalmente já passou tanto tempo, que eu não me lembro como era o seu rosto antes.
(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992 – Século XX, grifos dos autores)

6 Conclusão

De modo geral, os dados aqui descritos parecem indicar, na comparação da forma inovadora (o preenchimento do sujeito) com a forma conservadora (o sujeito nulo) uma escrita mais conservadora por parte dos catarinenses, seguindo o que apontam Martins (2009; 2015), Vieira Pinto (2020), Coelho; Vieira Pinto, (2021).

Quanto aos autores, os resultados que encontramos para Ademir Rosa (1950) parecem ir de encontro à hipótese aventada de uma gramática mais escolarizada, mais voltada à escrita, enquanto para Antônio Cunha, apesar da peculiaridade encontrada em *As quatro estações* em possuir em sua própria estrutura um caráter mais literário, por vezes quase lírico,

os dados sugerem que, em geral, o autor mais jovem dentre os quatro analisados parece apresentar uma gramática, por vezes, mais próxima à fala. Por fim, os dados encontrados parecem indicar competição de gramáticas, no sentido de aparentarem ser um “reflexo de diferentes gramáticas do português” (Martins, 2024, p. 137).

Os traços semânticos-referenciais selecionados nesta rodada de análises, apresentam uma preferência, como esperado (cf. Duarte, Mourão e Santos, 2012), pela ocorrência de dados de combinação [+hum/+esp] totalizando .56. No entanto, ao observarmos a combinação [+hum/-esp] podemos perceber .21 de peso relativo, indicando que, provavelmente, o feixe [-específico] esteja infligindo nos resultados. Em contrapartida, o feixe [-humano] apresenta resultados mais elevados que o esperado, com .30 e .32 de peso relativo, respectivamente. Instigando pesquisas futuras mais detalhadas sobre a variável independente selecionada.

As personagens apresentaram dados de frequência de uso e dados de peso relativo do sujeito preenchido bastante importantes, mesmo apresentando índices, em sua maioria, baixos. Personagens circunscritos à Faixa 1 (até 25 anos) apresentaram uma maior frequência de uso, de 31%, enquanto os da Faixa 2 (26 a 49 anos) curiosamente apresentaram a menor frequência de uso, 15%. Analisadas ante o peso relativo, as personagens da Faixa 1 (até 25 anos) apresentaram .67 em comparação à Faixa 2 (adultos de 26 a 49 anos) com peso relativo de .40. Os resultados encontrados em minha pesquisa parecem corroborar com a hipótese de Vieira Pinto (2020) no sentido que esses atestam a tendência ao preenchimento de sujeito pronominal de terceira pessoa encontrar maior aderência na faixa de personagens mais jovens em comparação aos personagens mais velhos, nesse caso, em especial, os adultos.

Parece haver realmente um fator conservador observado na gramática da escrita de peças teatrais catarinenses, com resultados que conversam com o que sugeriu Martins (2021) no comparativo entre as regiões Nordeste/Sudeste e Sul, com uma evolução lenta para a implementação do preenchimento de sujeito pronominal de terceira pessoa na região Sudeste, mas ainda mais lenta na região catarinense (Coelho; Nunes de Souza, 2015). Há, no entanto, variação encontrada entre os autores, inclusive nos expoentes dos mesmos séculos, com Álvaro de Carvalho e Lacerda Coutinho (séc. XIX) e Ademir Rosa e Antônio Cunha (séc. XX), sugerindo competição de gramáticas (Kroch, 1989; 2001) e instigando os resultados para pesquisas futuras.

Referências

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. In: FROTA, Sónia et al. (Org.). *Journal of Portuguese Linguistics*. Lisboa, Portugal: Edições Colibri – AEJPL, Vol. 4, Nº. 2, 2005.

BERLINCK, R. A.; COELHO, I. L.; CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; MARTINS, M. A. Mudança sintática e a história do PB nos séculos XIX e XX. In: Araújo Sá Jr, L.; Martins, M. A. (org.). *Rumos da Linguística Brasileira no Século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 1.ed., v. 1, p. 155-187, 2016. Disponível no link: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/rumos-da-linguistica-brasileira-no-seculo-xxi-1219>. Acesso em: 25 de abr. 2025.

CARVALHO, Álvaro Augusto de. [1868]. *Raimundo*: drama em cinco atos. Florianópolis: FCC; Edusfc, 1994.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *LaborHistórico* v. 1 n. 1 (2015): História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4784>. Acesso em: 14 de abr. 2025.

COELHO, I L; VIEIRA PINTO C. A. O sujeito nulo em cartas pessoais catarinenses no curso dos séculos XIX e XX (1885-1998), *In*: Lammoglia Duarte, MARINS, J. E; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. O. (orgs.). *Contribuições à descrição e ao ensino do Português Brasileiro*: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe – uma homenagem a Maria Eugênia. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

CORÔA, Williane S. *Rastreamento as origens do português brasileiro*: a dinâmica da mudança na escrita de “homens bons” na Bahia colonial. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2022.

COUTINHO, José Cândido de Lacerda. [1868]. *Quem desdenha quer comprar...; A casa para alugar*. Porto Alegre: Movimento, 2001.

CUNHA, Antônio. [1992] *Flores de Inverno*: Três d(r)amas possíveis. Joinvile: Letradágua, p. 82-111, 2004.

CUNHA, Antônio. [1998] *As quatro estações*: Três d(r)amas possíveis. Joinvile: Letradágua, p. 40-81, 2004.

CYRINO, S.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. *In*: KATO, M.A.; NEGRÃO, E. V. (Ed.). *Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuert, p. 55-104, 2000.

Duarte, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. 1995, 151fl. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil. *In*: Castilho, A. T., et al.; Ian Roberts e Mary A. Kato (orgs.). *Português Brasileiro*: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo. 3 ed. São Paulo: Contexto, p. 83-103, 2018 [1993].

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no Português Brasileiro. *In*: A. Castilho; S. M. L. Cyrino e Morais M.A.T (Org.). *História do Português Brasileiro*: Mudança sintática do Português Brasileiro: perspectiva gerativista, v. 06. São Paulo: Ed. Contexto, p. 26-71, 2018.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. 93-126, *In*: Charlotte Galves, Mary A. Kato e Ian Roberts (Orgs.). *Português Brasileiro*: uma segunda viagem diacrônica. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2019.

DUARTE, M.E.L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. 2020. *Cuadernos de la Alfal*, v. 12, p. 71-99, 2020. Disponível em: http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_005.pdf. Acessado em: 25 de abr. 2025

DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G. C.; SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª pessoa: REvisitando Duarte 1993. *In*: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992)*: estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola, p. 21-44, 2012.

FONCECA, I. M. da. *O sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais de Santa Catarina escritas nos séculos XIX e XX*. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2024.

GALVES, C.M.C. Mudança sintática no português brasileiro. *Cuadernos da La Alfal*, N° 12 (2) novembro 2020: 17-43. ISSN: 2218-0761. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_003.pdf. (Acesso em: 01/05/2024)

KROCH, A. Mudança sintática. Traduzido por Silvia Regina de Oliveira Cavalcanti (UFRJ). Revisão de Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado. *Working Papers em Linguística*, V. 22. N. 2: Sintaxe Diacrônica, Florianópolis, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e86882>.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, 199-244, 1989.

- MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. Tese (doutorado em linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MARTINS, M. A. *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do Português*. Natal: EDURFN, 2012.
- MARTINS, M. A. Gramática ou gramáticas do português brasileiro? O problema da implementação na mudança sintática. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 32, jul-dez, 2013. MARTINS, M. A. R. Singularidades na sintaxe do português brasileiro escrito na região nordeste nos séculos XIX e XX. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e12362>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12362>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- MARTINS, M. A. R. Singularidades na sintaxe do português brasileiro escrito na região Nordeste nos séculos XIX e XX. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12362>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- MARTINS, M. A. R.; CARVALHO JÚNIOR, S. V. O sujeito pronominal na fala de Natal/RN: retrato de uma mudança em tempo aparente. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 25, n. 2, p. 41–61, 2020. DOI: 10.17851/2238-3824.25.2.41-61. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/30198>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- MARTINS, M. A. R.; COELHO, I, L.; CAVALCANTE, S, R, O. Variação sintática e gerativismo. In: M. A. Martins; J. Abraçado (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, p. 221-247, 2015.
- MARTINS, M. A. R; CAVALCANTE, S. R. O.; COELHO, I. Z. Ordem do sujeito e colocação de clíticos na escrita brasileira dos séculos XIX e XX: reflexos da gramática do Português Brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 62, n. 00, 2020. em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655919>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- MARTINS, M.A.R. Linguística histórica. In: OTHERO, G. A; FLORES, V. N. (org.): *A linguística histórica hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2024.
- MARTINS, M.A.R; CAVALCANTE, S, R, O. Os estudos em sintaxe diacrônica no Brasil: um balanço crítico. *Revista Working Papers em Linguística*. V.22, n.2. Florianópolis: UFSC, 2021.
- ROBERTS, Ian. Gramáticas “marginais” e mudanças sintáticas “extremas”: O inglês e o português brasileiro. In: Charlotte Galves, Mary A. Kato e Ian Roberts (org.). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 23-56, 2019.
- ROSA, Ademir. *A estória*. 1990. Consulta ao manuscrito do autor cedida por Antônio Cunha.
- ROSA, Ademir. *Os lobos*. 1992. Consulta ao manuscrito do autor cedida por Antônio Cunha.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A Variable Rule Application for Macintosh and Windows*, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 5 de maio de 2025.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.
- VIEIRA PINTO, C. A. *Trajatória de mudança do sujeito e do objeto direto anafóricos: análise de cartas pessoais e portuguesas dos séculos XIX e XX*. 2020. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219297>. Acesso em: 23 de abr. 2025.